

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO:

O artigo apresenta uma cartografia friccional construída a partir de cartas que sobrepõem memórias, deslocamentos, teorias-práticas transfeministas e reflexões sobre as transmasculinidades no Brasil contemporâneo. A escrita se desenrola entre os anos de 2024 e 2025, mas permite que outras temporalidades retornem e componham o texto. O caminho se desenha entre encontros, delineando tensões políticas, afetos compartilhados e ações coletivas em constante desdobramento. A escrita dialoga com referências como Jack Halberstam, Paul B. Preciado, Gloria Anzaldúa e Jota Mombaça. A narrativa da pesquisa se aproxima de uma colagem, reunindo fragmentos, fricções e imaginações políticas que produzem sentidos outros. Figuras como João W. Nery, Alexandre Peixe, Leonardo Peçanha e tantas outras que compõem esse percurso são centrais para compreender o pioneirismo e as dinâmicas das transmasculinidades em nosso contexto. Entre o pessimismo vivo e um otimismo metodológico, a escrita assume um tom situado, afetivo e experimental, apostando no sonho como força política para sustentar o porvir.

PALAVRAS-CHAVE

transfeminismos. transmasculinidades. fricção. cartas.

RESUMEN:

El artículo presenta una cartografía friccional construida a partir de cartas que superponen memorias, desplazamientos, teorías-prácticas transfeministas y reflexiones sobre las transmasculinidades en el Brasil contemporáneo. La escritura se despliega entre los años 2024 y 2025, pero permite que otras temporalidades regresen y compongan el texto. El recorrido se traza a partir de encuentros, delineando tensiones políticas, afectos compartidos y acciones colectivas en constante despliegue. La escritura dialoga con referencias como Jack Halberstam, Paul B. Preciado, Gloria Anzaldúa y Jota Mombaça. La narrativa de la investigación se aproxima a un collage, reuniendo fragmentos, fricciones e imaginaciones políticas que producen otros sentidos. Figuras como João W. Nery, Alexandre Peixe, Leonardo Peçanha y tantas otras que componen este recorrido son centrales para comprender el pionerismo y las dinámicas de las transmasculinidades en nuestro contexto. Entre un pesimismo vivo y un optimismo metodológico, la escritura asume un tono situado, afectivo y experimental, apostando por el sueño como fuerza política para sostener el porvenir.

PALABRAS CLAVE:

transfeminismos. transmasculinidades. fricción. cartas.

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Novembro de 2025

Te escrevo para dizer que estou alegre. Faz quase quatro meses que apresentei o texto final da dissertação e ainda lembro de quando tentava explicar que cartografar as produções transfeministas das transmasculinidades no cenário brasileiro, enquanto também as compunha, não se tratava exatamente de um ‘objetivo’, mas de um apontamento sobre por onde seguir. Ou melhor, um eixo central das muitas voltas que formariam o percurso. Posso dizer, sem dúvidas, que rodei um bocado e mantive os sentidos aguçados, sem me deixar esquecer o que aprendi com a Linn da Quebrada (2021): as palavras têm o poder de uma obra de fricção. A cartografia que compus opera como a baixa teoria proposta por Jack Halberstam (2020), recusando confirmar o status hierárquico das “altas” teorias e provocando estranheza por ser formada por um compilado de cartas com endereçamentos distintos e por vezes não explicitados.

Novembro de 2024

Já faz tempo, e tanta coisa aconteceu desde a última vez que te enderecei uma carta — comigo, com o mundo, com a gente. Tenho a sensação de que viver é um movimento constante. Começo a colocar as palavras no papel agora, em novembro de 2024. Estou em Brasília, e essa cidade continua me causando espanto. Lembro da crônica de Clarice e balanço a cabeça em concordância: Brasília é uma praia sem mar, e tudo aqui é visto de longe. Em 2018 foi a primeira vez que coloquei os pés nessa cidade. Havia sido convidado por Jovanna Baby para integrar a comitiva do FONATRANS que participaria do “Seminário João W. Nery: 10 anos do Processo Transexualizador no Brasil”. Faziam pouco tempo que João já não estava mais entre nós.

Há alguns meses, recebi o convite para compor a Comissão de Ações Afirmativas e Heteroidentificação (CAAH) do Conselho Federal de Psicologia (CFP)¹ e retornei a visitar

¹ Portaria CFP Nº 101/2024 do Conselho Federal de Psicologia.

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Brasília, sentindo novamente este espanto, esta boca seca, deste ar seco do planalto.² Quando cheguei, lembrei imediatamente do atentado ao Supremo Tribunal Federal, que aconteceu há poucos dias. Te escrevo enquanto penso na cena, lembro de ter lido a manchete: “Erika Hilton conversava com jornalistas no momento de explosões; barulhos foram ouvidos”³. A deputada estava dando uma coletiva no Palácio do Planalto, e falava sobre uma proposta de emenda à Constituição, que tem como objetivo o fim da escala de trabalho 6x1.

Para mim, essa cena é muito forte: Uma travesti negra, deputada federal, está dando uma coletiva no Palácio do Planalto, falando sobre sua Proposta de Emenda à Constituição (PEC), que tem como objetivo o fim da escala de trabalho 6x1. A conversa com a imprensa seguia tranquila, quando, de repente, se ouviu o primeiro estrondo. Um apoiador político da extrema direita havia detonado, na Praça dos Três Poderes, explosivos contra o próprio corpo, bem em frente à estátua da Justiça, a mesma que foi pichada com a frase “Perdeu, Mané” durante os atos de invasão e depredação que marcaram a tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023.

Quando lembro que essa PEC teve origem no desabafo de Rick Azevedo, então balconista de farmácia e hoje vereador no Rio de Janeiro, a cena ganha mais textura. O vídeo em que ele falava do cansaço da escala 6x1 se espalhou rapidamente pelas redes sociais, como quem acerta um nervo exposto. Desse momento nasceu o Movimento Vida Além do Trabalho.

Estar aqui me fez sentir ainda mais a tensão dos últimos acontecimentos políticos do país. Não consigo esquecer que, na véspera do Natal do ano passado, bolsonaristas tentaram explodir um caminhão-tanque próximo ao aeroporto internacional de Brasília. Ontem à noite ouvi um estrondo forte e acordei assustado, quando fui até a varanda do quarto, vi, do décimo

² Sei que catou os versinhos de Ana Cristina César... uma vez você me disse que tinha algo na minha poesia que remetia a escrita dela. Acho que pode ser o gosto pela relação do eu com o mundo, ou o fato de termos um certo apreço pela poesia de Drummond. Esses dias li uma entrevista da Conceição Evaristo, onde ela fala: “Na busca de aproximações da Escrivência com o entendimento de Clarice Lispector e da pintora Frida Kahlo, sobre o significado de suas artes, penso em uma outra escritora, a Gloria Anzaldúa.” (EVARISTO, 2020, p. 36). Pensando na relação entre vida e escrita, me sinto mais próximo de Evaristo e Anzaldúa.

³ Matéria do portal Terra (Terra, 2024).

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

andar, os raios cortando o céu de Brasília. Conteí a Jeffa, Livia, Terluca, Renata e Gioconda sobre o meu susto e contemplação.

Janeiro de 2025

Estou novamente em Brasília e entre as atividades da comissão, a CAAH, acabamos saindo para almoçar, tomar café ou uma cerveja no final do dia. Nesses momentos, houve muitas conversas com compartilhamentos generosos. Tenho a impressão de que falamos um pouco sobre muitas coisas: o clima, relações estabelecidas na academia, psicologias, afetos, crenças, metodologias, referências, bibliografias, músicas, filmes, cidades, gastronomia... Inevitavelmente acabei comentando sobre a minha dissertação e recebi alguns presentes.

Houve referências e possibilidades de caminhos que guardei cuidadosamente para o futuro, pois preciso me relacionar com elas em um tempo mais longo, com calma. Já os textos indicados por Jeffa têm a urgência do agora, falei não só da minha dissertação com ela, como também enviei o esboço das coisas que estava escrevendo. Na lata, Jeffa me disse que eu precisava ler alguns textos que ela já havia discutido no Coletivo Trans Encruzilhadas/UFES: o capítulo “feminismos marginais: negatividade queer e passividade radical” do livro “A arte queer do fracasso” (Halberstam, 2020); o capítulo “Feminismos Trans*” do livro “TRANS*: Uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero” (2023) também de autoria de Jack Halberstam e o livro “Trans Vivências negras entre afetos e aquilombamentos: contando histórias afro-diaspóricas”(Oliveira et al., 2021)⁴

Jack Halberstam passou a habitar a minha dissertação depois que Léo Peçanha leu o pré-projeto e o indicou como uma referência importante. A sugestão de Jeffa evidenciou, para mim, que a minha falta de intimidade com a obra de Halberstam acabou por tê-lo deixado de lado ao longo das elaborações e montagens teóricas que venho tecendo até aqui. Retomando a leitura das linhas e entrelinhas dos seus textos, percebi que compartilho com Jack não apenas

⁴ Organizado por: Apolo Vincent Silva de Oliveira, Feibriss Henrique Meneghelli Cassilhas, Izzie Madalena Santos Amancio, Kyem Araujo, Rafael Luiz de Oliveira, Luck Yemónjá Banke Palhano, Theo Brandon Pitanga Gonçalves

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

a forma contra-hegemônica de teorizar, mas também algumas suspeitas sobre os feminismos e transfeminismos. “Poderíamos perguntar: se nos recusarmos a nos tornar mulher, o que acontecerá com o feminismo? Ou apresentar a pergunta em formato diferente: é possível encontrarmos modelos feministas capazes de reconhecer o projeto político expresso como recusa?” (Halberstam, 2020, p. 175)

Ainda em “A arte queer do fracasso”, percebi que, em uma primeira leitura, havia deixado escapar a discussão que o autor faz sobre a colagem enquanto um processo de composição que “se refere exatamente a espaços entre, e se recusa a respeitar os limiares que em geral diferenciam identidade de Outro, objeto de arte de museu e cópia do original.” (Halberstam, 2020, p. 188). Durante a escrita do livro de poesias “Transe...” (2024), usei a técnica da colagem analógica e digital para compor algumas imagens; estava buscando dar corpo às poesias a partir de outra forma de linguagem. No final da carta, vou mandar algumas colagens que fiz para o livro — acho que elas dialogam com tudo que a gente vem discutindo por aqui.

Olhando para minha dissertação quase pronta, percebo que sua composição também se aproxima ao processo de cortar e colar. Assim como na colagem, a montagem da minha pesquisa se faz a partir de fragmentos, referências dispersas e por vezes dissonantes, que ao se encontrarem, formam novas imagens. Cada parte, que parece deslocada ou incompleta, passa a ganhar sentido ao ser unida a outra, criando, no processo, um conjunto único de ideias. Nesse movimento, as palavras, assim como as imagens, geram fricções — encontros entre superfícies distintas que tensionam sentidos, produzem resistência e abrem espaço para o desconhecido e para a interação. Ao serem rearranjadas, elas não só formam algo novo, mas também convidam quem lê a participar da construção desse imaginário, explorando as lacunas e as possibilidades que surgem quando esses fragmentos se encontram.

Dessa vez, mais de um motivo me trouxe até Brasília: o 1º Encontro Nacional das Comissões Eleitorais do Sistema Conselhos de Psicologia, a Jornada Trans Negra – promovida pelo FONATRANS – e a 2º Marsha Nacional pela Visibilidade Trans. Reencontrei pessoas

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

amigas, discuti sobre ações afirmativas, políticas públicas, processos de visibilidades e invisibilidades... Vibrei nos shows das bandas e artistas trans que fazem parte da minha playlist de músicas mais curtidas... Encontrei Rosa Luz e lembrei de uma Brasília que ela narra em seu canal no Youtube, nas letras de suas músicas, na sua intervenção artística na Rodoviária do Plano Piloto.⁵

Agora, enquanto escrevo e espero a hora do voo, prestes a embarcar para Maceió, sinto que minhas expectativas sobre o futuro oscilam como as marés. Em certos momentos, elas deslizam por completo para o “pessimismo vivo” abordado por Jota Mombaça no livro *Não vão nos matar agora* (2021). A autora aponta que o “pessimismo vivo” não sustenta “uma imagem fixa do apocalipse universal como destino último de toda forma de vida.” O conceito aposta na capacidade de “refazer indefinidamente as próprias cartografias da catástrofe, com atenção aos deslocamentos de forças, aos reposicionamentos e coreografias do poder”. Em outros momentos me deixo levar pelo otimismo metodológico proposto por Paul B. Preciado (2021). Entre esses fluxos, que ora se tocam, ora se afastam, vai se desenhando em mim a sensação de que estamos atravessando o começo do fim do mundo como conhecemos. Parei de escrever, botei os fones e deixei minha playlist favorita tocando no modo aleatório.

Abril de 2025

Esse mês está bem corrido, e eu ando adiando colocar um fim nessa escrita. Tem tanta coisa acontecendo, fico com vontade de te contar tudo, mas não consigo escrever na velocidade em que vivo, venho cultivando o hábito de tentar produzir espaços de respiro entre os passos. No final da semana passada, aconteceu o espetáculo *Transhow: O que você ainda não vê na TV*, foi bonito presenciar um sonho acontecendo. O roteiro foi produzido por Milka e idealizado

⁵ Nos últimos períodos da graduação em Psicologia, tive a chance de me envolver em dois ciclos de projetos de iniciação científica (PIBIC) que exploraram juventude, interseccionalidade e mídias digitais. Esses projetos deram origem a um ensaio que escrevi com meu orientador, sobre o artivismo de Rosa Luz. O ensaio é intitulado *E se a arte fosse travesti?* (Moura; Mesquita, 2021).

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

junto com Natasha, mesmo em meio às dificuldades, nutridas de muita vontade, elas sustentaram de forma coletiva esse sonho.

Como disse Natasha, durante uma entrevista de divulgação do espetáculo: “Vamos fazer um show incrível, divertido e inovador, apresentando ao público a nossa diversidade transcultural. A arte transformista, audiovisual, ballroom, literatura, e um grande encontro intergeracional.”⁶ Sei que você iria gostar de ter assistido, a gente gravou tudo, assim que o vídeo tiver disponível, eu te envio. Minha parte foi fazer a curadoria dos segmentos de audiovisual e literatura, que são os que tenho mais familiaridade. Durante a minha fala no bloco de literatura, fiz uma intervenção poética e distribuí mais de 100 cartas envelopadas e carimbadas com o texto “Uma carta para falar do nosso caso de amor e raiva com Maceió”.

Faz quase uma semana que cheguei à Bahia para participar do X Encontro Nacional de Pessoas Trans e Travestis Negras e Negros. Viajei de ônibus, e no caminho aproveitei para cruzar territórios, paisagens e pensamentos, vim lendo *Trans vivências negras entre afetos e aquilombamentos: contando histórias afro-diaspóricas* (2021). Algumas palavras do segundo prefácio ficaram comigo: Luck Yemonja Banke, Lam Mattos e Alexandre Peixe escrevem “de tempos em tempos, erguemos quilombos e renascemos coletivamente” (2021, p.14). Recolhi essa frase como quem reconhece um sinal no percurso: a viagem, para além do deslocamento, tem sido também um lugar de reencontro. Permanecer em coletividade não é simples; arriscaria dizer que ainda vamos encarar muitos desafios.

No trajeto de volta, Salvador–Maceió escolhi a companhia de Jack Halberstam e concordei com a proposta que ele faz no início do capítulo sobre feminismos trans* (2023), é preciso que:

[...] renunciemos às posições reativas geradas pelo feminismo trans excludente e que avancemos em direção a um projeto trans* gênero afirmativo que se baseie menos em diferenças antagonistas e mais em teorias estranhas e peculiares sobre o self, o outro, o lar, o mundo, o corpo, a, identidade, o tato, o sentimento, o saber, o ser, o devir, o movimento. Fazer isso significa conectar-se com outras genealogias intelectuais

⁶ Matéria do portal Alagoas 24 Horas, intitulada: Transshow apresenta Espetáculo ‘O Que Você Ainda Não Vê na TV’ no Centro Cultural Arte Pajuçara (Alagoas 24 Horas, 2025).

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

feministas, outras formas de pensar que foram sendo bloqueadas por essa ênfase: (p. 143)

Na continuação do capítulo, o autor propõe uma discussão sobre o antagonismo entre teoria queer e teoria trans*. Para Halberstam, esse embate se constrói, em parte, a partir da resistência de algumas autorias trans* à maneira como a teoria queer formula a performatividade de gênero — muitas vezes de forma abstrata e distante da materialidade dos corpos. Nesse contexto, para o autor, a análise de Jay Prosser se destaca como uma das mais complexas e influentes. Nos anos 1990, Prosser criticou a teoria queer por sua tendência a abstrair o gênero e apagar o corpo. Essa crítica é aprofundada em seu livro *Second Skin: Body Narratives of Transsexuality* (1998), considerado um texto clássico e pioneiro sobre as narrativas de homens transgênero. Ainda assim, Halberstam argumenta que, apesar dessas críticas, o conceito de "performatividade de gênero", tal como formulado por Judith Butler, ofereceu às teorias trans* ferramentas importantes para questionar tanto o essencialismo das identidades normativas quanto a fetichização dos corpos (Halberstam, 2023).

Concordo com ele, mas prefiro seguir na direção apontada por Gloria Anzaldúa, que se afasta das teorias descorporificadas (Anzaldúa, 2021, p. 165). Acho que a discussão sobre o conceito de “performance” na obra de Anzaldúa abre outros caminhos, principalmente se nos deixarmos guiar pela ideia de “arte invocada” que ela propõe. Ficam aqui, como lembrete, algumas pistas:

En la etno-poética y performance del chamán, mi pueblo, los indios, no separaba lo artístico de lo funcional, lo sagrado de lo secular, el arte de la vida cotidiana. Los fines religiosos, sociales y estéticos del arte estaban todos entrelazados (Anzaldúa, 2016, p. 120-121)

Mis <<historias>> son actos encapsulados en el tiempo, representados cada vez que se leen en voz alter 0 en silencio. Me gusta pensar en ellos como performances y no como objetos <<muerto>> e inertes (Como la estética de la culpa occidental considera las obras artísticas). Por el contrario, la obra posee Una identidad; es un <<quién>> o un <<qué>> y contiene las presencias de personas, es decidir las encarnaciones de dioses o ancestros o poderes naturales y cósmicos. La obra manifiesta las mismas necesidades que una persona, tiene que ser <<alimentada>>, la tengo que bañar y vestir. (Anzaldúa, 2016, p. 121)

Falar e comunicar lança as bases, mas há um ponto que a fala demasiada atinge tornando a experiência muito abstrata. O necessário é uma performance

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

comportamental simbólica concretizada pelo envolvimento de corpo e emoções às teorias e estratégias políticas, rituais que conectem o consciente ao inconsciente. Através da ritualística nós conseguimos realizar algumas mudanças profundas. [...] lembrem-se que a mulher estrangeira, “a alien”, é nonacayocapo, o que em nahuatl significa alguém que tem corpo (carne) e sangue como eu. (Anzaldua, 2021, p. 121)

Passei apenas dois dias em Maceió, estou novamente em Brasília e exatamente nessa semana ela está completando 65 anos, uma juventude planejada nos detalhes. Da primeira capital do país à atual, mais de 400 anos separam estas cidades, não sei explicar, mas sinto meu corpo de forma muito distinta em cada uma delas, há um deslocamento na sensibilidade. Lembro da crônica “Agorofilia” de Preciado (2020) onde o autor narra suas paixões por três cidades. Dessa vez, tomei banho de chuva, mas não mergulhei no mar de Salvador, sinto que preciso voltar, o mar sempre me chama.

Dois anos passaram voando, a discussão que Halberstam fez sobre o transfeminismo na América Latina, a partir da obra de Garriga-López, me indicou um terreno no qual eu caminhei muito pouco. Hoje, Jeffa me presenteou com mais dois textos e eu relutei em pensamentos entre ler e não lê-los, o cansaço, a falta de tempo e os prazos a cumprir fazem isso comigo, mas a curiosidade venceu. São dois capítulos do livro *História do Movimento LGBT no Brasil* (2018): Um escrito por João W. Nery “Transmasculinos: invisibilidade e luta” e o outro por Alexandre Peixe e Fábio Morelli, “Homens do futuro: o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe”.

Ambos os textos partem da vivência dos autores. O capítulo escrito por João traz um panorama amplo sobre a constituição dos processos de (in)visibilidade das transmasculinidades no contexto brasileiro. João organiza sua escrita em tópicos: o primeiro deles, “Quem somos nós, os transmasculinos?”, abre a conversa. Em seguida o autor apresenta o tópico “Resumo do histórico de lutas e pautas do ativismo T no Brasil contemporâneo”, no qual Nery destaca o pioneirismo de Alexandre Peixe, o início da formação do movimento social das

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

transmasculinidades com a fundação da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT)⁷, em 2012, e a criação do IBRAT, em 2013. Acrescentaria a esse resumo o FONATRANS, fundado também em 2014, com Leonardo Peçanha e Luck Yemonja Palhano integrando o núcleo de pessoas responsáveis pela sua constituição.

Quando comecei a conhecer o movimento social trans, em 2015, senti algo muito parecido com o que João descreve: havia, por parte das transfeminilidades, um certo estranhamento e desconhecimento em relação a nós, pessoas transmasculinas. E eu também as estranhava ... Não porque quisesse, mas porque me faltava um imaginário capaz de sustentar o presente. Às vezes, parecia que tudo acontecia mais rápido do que eu conseguia nomear — como se eu pisasse em um chão que ainda estava sendo inventado.

No penúltimo tópico, intitulado “transfeminismo”, João também explora a ideia de que as transmasculinidades ocupam um entre-lugar. Mais do que uma posição de transição ou ausência, esse entre-lugar é um espaço de criação ativa, onde a reivindicação por masculinidades, ao desafiar o modelo hegemônico, acaba por desestabilizá-lo. Em vez de aspirar a um “ser homem” já estabelecido, vejo nas experiências transmasculinas a possibilidade de construir outras masculinidades: porosas, afetivas e menos capturadas pela lógica da dominação. Reconhecer que nossos corpos carregam marcas de tutela e controle não é apenas evidenciar as opressões que sofremos, mas também reconhecer a potência que se configura nesse espaço de vulnerabilidade. Talvez seja nisso que nossa passagem pelo transfeminismos possa abrir mais brechas: em recusar a rigidez dos lugares esperados e afirmar, no atravessamento, outras formas de vida.

Gostaria de ter finalizado esta carta enquanto estava em Brasília, mas já estou de volta a Maceió. Aproveitei o tempo de voo para ler e fazer algumas anotações. O texto que aborda a perspectiva de Xande Peixe sobre a história do movimento de homens trans foi elaborado a

⁷ Como o próprio Nery lembra: “A grande maioria dos transmasculinos se organizaram através do site ‘FtM Brasil’ (www.ftmbrasil.org.br) de autoria de Leonardo Tenório, que se tornou o principal articulador e o futuro presidente da ABHT” (2018, p. 397).

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

partir de uma entrevista, trocas constantes de áudios via WhatsApp, e uma leitura compartilhada do material produzido entre ele e Fábio Morelli.

As discussões levantadas me fizeram lembrar da live de abertura do 1º Festival AfroTransMasculinidades⁸, onde Leonardo Peçanha, através do perfil de Instagram do FONATRANS, conduziu uma conversa com Xande. Também me veio à mente outra entrevista de Léo Peçanha com Xande: *Paternidade Trans em Cena* (2023). Esta entrevista dá forma à história de Xande, destacando a paternidade como um ponto de virada. Ele compartilha relatos sobre ativismo, gestação e amamentação, conectando sua experiência pessoal aos primeiros passos do movimento transmasculino no Brasil. Já avô, Xande também aborda as diferentes gerações de pessoas transmasculinas, trazendo à tona seus desafios, vitórias e o fluxo constante de mudanças que se desdobram com o passar do tempo.

No livro sobre a história do movimento LGBT no Brasil, o texto de Nery antecedeu o de Alexandre Peixe, e fez muito sentido para mim. Nery o apresenta como: “O primeiro trans homem a aparecer publicamente, chegando a presidir a APOLGBT (Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo) e também a ser membro da ‘Red Latinoamericana y del Caribe de personas trans’ - REDLACTRAN” (2018, p. 396-397). No texto seguinte, Morelli completa: “Do movimento de lésbicas a um dos primeiros líderes do movimento de homens trans no Brasil [...] Xande constrói uma trajetória daquelas que rompem com os limites do indivíduo e criam redes e identidades coletivas.” (2018, p. 406).

No texto da entrevista, Léo Peçanha (2023) destaca: “Xande Peixe, como é conhecido, é um homem trans negro de 51 anos. Um ativista orgânico [...]” (p. 33). Para concluir, Léo pergunta: “[...] amigo, o que você tem para dizer para essa nova geração? Você que já é pai, avô, diga para quem quer ser pai e para essa nova militância que está chegando? Você quer falar alguma coisa?” (p. 47)

Cara, eu acho que tem que vivenciar tudo o que eu não pude na época, sabe? Ser feliz. Hoje em dia a gente consegue. [...] Não tem mais aquele tabu: “Homem não

⁸ A história do movimento transmasculino no Brasil - 1º Festival AfroTransMasculinidades. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CDpBeT9B7Sf/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em 15 abr. 2025.

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

engravada”. Homem engravida sim, homem tem vagina sim, homem trans pode ser gay... então, assim, você quer ser pai? Quer ser mãe? Quer ser “pãe”? A nomenclatura é você quem vai dar. Vai e seja feliz! [...] Crie seu filho como pai...se você quiser também, se você quiser criar como mãe em um corpo masculino, você também pode. Você pode dizer “eu sou mãe dela!” com barba, sem peito. Por que não? Porque a gente está em um outro movimento, em uma outra... e se a gente não fizer isso, a gente vai ser barrado de novo das coisas [...] Assim, acho que a molecada hoje tem que botar isso para frente também, sabe? Sem medo! E se tiver algum entrave no meio, chama a galera da antiga, junta de novo e vamos pra cima. É isso (risos)... (p. 47-48)

Há nelas algo que ressoa com o otimismo metodológico de Preciado (2023):

Não há, portanto, motivos para otimismo, questionariam vocês de imediato, mas o otimismo não é um sentimento psicológico de esperança, nem a convicção tranquila que nasce do desconhecimento do estado de destruição do mundo. O otimismo é uma metodologia. Temos a capacidade coletiva de tomar consciência do que está ocorrendo e, pela primeira vez na história, compartilhar essa experiência em escala planetária: intercambiar tecnologias sociais, conhecimentos, preceitos, afetos e fazer com que práticas e saberes que até agora eram subalternos possam ser compartilhados transversalmente. (p. 529-530)

Desde 2004, Xande tem se lançado publicamente nas lutas e demandas das transmasculinidades. Ainda não tive a chance de encontrá-lo pessoalmente, mas suas palavras sempre me alcançam — há nelas uma aposta generosa em nossas existências. Talvez seja por isso que me tocam tanto. Penso que o que configura minha escrita enquanto política é, justamente, essa disposição em ser afetado pelo encontro. Concordo com Mombaça quando propõe a política como “a articulação dos movimentos sensíveis, teóricos e poéticos que não se encerram no desejo de ser, mas transbordam e transtornam o movimento de torna-se” (2021, p. 133).

Quero encerrar esta carta com alguns versinhos que rabisquei ontem, enquanto ouvia música e arrumava a casa. Era um dia ensolarado, maré alta. Escrevi e, entre uma dobra e outra, lembrei das nossas conversas.

tem morangos mofados
na prateleira
mas o perfume da casa
e o retrogosto na boca
é de caju

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Antes de dar tchau, te deixo um lembrete: o que a gente precisa é aprender a sonhar.

At.te Cauê Assis

Ano de 2025, Maceió/AL

Referências

ALAGOAS 24 HORAS. Transhow apresenta Espetáculo ‘O Que Você Ainda Não Vê na TV’ no Centro Cultural Arte Pajuçara. **Alagoas 24 Horas**, 17 mar. 2025. Disponível em: <https://www.alagoas24horas.com.br/1656877/transhow-apresenta-espetaculo-o-que-voce-ainda-nao-ve-na-tv-no-centro-cultural-arte-pajucara/>. Acesso em: 12 mai. 2025.

ANZALDÚA, Gloria. **A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaios**. Trad. de Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Trad. de Carmen Valle Simón. Madrid: Capitán Swing, 2016.

BANKE, Luck Yemonja; MATTOS, Lam; PEIXE, Alexandre. Prefácio 2. In: OLIVEIRA, Apolo et al. **Transvivências negras entre afetos e aquilombamentos: contando histórias afro-diapórica**. Salvador: Devires, 2021. p. 13-17.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Portaria nº 101, de 2024**. Define membros que formarão a Comissão de Ações Afirmativas e Heteroidentificação (CAAH). Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/portaria-cfp-n-101-2024-definir-membros-que-formarao-a-comissao-de-acoes-afirmativas-e-heteroidentificacao-caah>. Acesso em: 9 mai. 2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

HALBERSTAM, Jack. **A Arte Queer do Fracasso**. Recife: Cepe Editora, 2020.

HALBERSTAM, Jack. **Trans: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero**. Salvador: Devires, 2023.

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOURA, Cauê Assis de; MESQUITA, Marcos Ribeiro. E se a arte fosse travesti? Pensar a Educação em Pauta, 2021. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/e-se-a-arte-fose-travesti/> Acesso em: 18 mai. 2025.

MOURA, Cauê Assis de. *Transe....* Belo Horizonte: Caravana Grupo Editorial, 2024.

NERY, João W. Transmasculinos: invisibilidade e luta. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 393-404.

OLIVEIRA, Apolo Vincent Silva de et al. (org.). **Transvivências negras entre afetos e aquilombamentos**: contando histórias afro-diapórica. Salvador: Devires, 2021.

PEIXE, Alexandre; MORELLI, Fábio. “Homens do Futuro”: o movimento de homens trans no Brasil sob o olhar de Xande Peixe. In: GREEN, James N. et al. (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 405–420.

PEIXE, Alexandre; PEÇANHA, Leonardo Morjan Britto. Paternidade trans em cena: entrevista com o ativista Alexandre Peixe. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, [S. l.], v. 6, n. 19, p. 32–48, 2023. DOI: 10.31560/2595-3206.2023.19.15789. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15789>. Acesso em: 15 abr. 2025.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PROSSER, Jay. **Second Skin**: Body Narratives of Transsexuality. New York: Columbia University, 1998.

Cartografia friccional: vestígios do tempo em movimento contínuo

CAUE ASSIS DE MOURA & MARCOS RIBEIRO MESQUITA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 17 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de janeiro de 2026